

"O EMOCIONANTE FINAL DE UMA TRILOGIA QUE SERÁ RECONHECIDA COMO UM DOS GRANDES FEITOS DA FICÇÃO FANTÁSTICA AMERICANA." – STEPHEN KING

# JUSTIN CRONIN A CIDADE DOS ESPELHOS

LIVRO III DA TRILOGIA  
A PASSAGEM





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

PARA MINHA FAMÍLIA

*E como enfrentar tamanha  
Crueldade do homem e de Deus?  
Eu, estrangeiro e temeroso,  
Num mundo que não construí.*

– A. E. HOUSMAN,  
*Last Poems*

---

# PRÓLOGO

## **Dos escritos do Primeiro Registrador (“O Livro dos Doze”)**

Apresentado na Terceira Conferência Global sobre o Período de

Quarentena Norte-americano

Centro de Estudos de Culturas e Conflitos Humanos

Universidade de New South Wales, República Indo-australiana

16 a 21 de abril, 1003 D.V.

*[Início do segundo trecho da citação]*

## **CAPÍTULO CINCO**

*1. Assim aconteceu que Amy e seus companheiros retornaram a Kerrville, no lugar chamado Texas.*

*2. E ali ficaram sabendo que três deles tinham sido perdidos. E esses eram Theo e Mausami, sua esposa; e Sara, chamada de Sara, a Curandeira, esposa de Hollis.*

*3. Pois no lugar chamado Roswell, onde tinham se abrigado, um grande exército de virais havia estabelecido um cerco, matando todas as espécies. E apenas dois de seu grupo sobreviveram. E esses foram Hollis, o Forte, marido de Sara, e Caleb, filho de Theo e Mausami.*

*4. E uma grande tristeza caiu sobre todos, pelos amigos que tinham perdido.*

*5. E em Kerrville, Amy passou a viver entre as Irmãs, que eram mulheres de DEUS. E também Caleb fez o mesmo, para ser cuidado por Amy.*

*6. E nesse mesmo período, Alicia, que era Alicia das Facas, e Peter, o Homem dos Dias, pegaram em armas com os Expedicionários, que eram soldados do Texas, a fim de procurar os Doze. Pois tinham descoberto que matar um dos Doze significava também matar seus Muitos, enviando as almas destes para o SENHOR.*

*7. E muitas batalhas foram travadas; e muitas vidas foram perdidas. Mas não conseguiram matar os Doze nem encontrar os locais onde residiam. Pois tal não era a vontade de DEUS naquele tempo.*

8. *E assim se passaram os anos, cinco no total.*

9. *E no fim desse tempo Amy recebeu um sinal; e esse sinal foi um sonho. E nesse sonho Wolgast lhe veio, aparecendo como um homem. E Wolgast disse:*

10. *“Meu senhor está esperando; e o local de sua espera é um grande navio onde ele reside. Pois uma mudança está chegando à terra. Logo irei até você, para mostrar o caminho.”*

11. *E esse homem era Carter, Décimo Segundo dos Doze, que seria chamado de Carter, o Triste; um homem justo em sua geração e amado por DEUS.*

12. *E assim Amy esperou o retorno de Wolgast.*

## **CAPÍTULO SEIS**

1. *Mas nesse tempo também havia outra cidade de homens, no lugar chamado Iowa. E era conhecida como Pátria.*

2. *E nesse lugar habitava uma raça de homens que tinham bebido o sangue de um viral, para viver governando por muitas gerações. E eram chamados de olhos-vermelhos. E o maior deles era Guilder, o Diretor, um homem do Tempo Anterior.*

3. *E o viral do qual tomavam seu sustento era Grey, chamado de Fonte. Pois em seu sangue estava a semente de Zero, pai dos Doze. E Grey vivia acorrentado, e portanto sofria enormemente.*

4. *E nesse lugar as pessoas viviam como cativas servindo aos olhos-vermelhos, fazendo tudo o que desejassem. E um desses cativos era Sara, a Curandeira, tirada de Roswell, e que os amigos não sabiam estar viva.*

5. *E Sara tinha uma filha, Kate, mas a menina foi levada embora. E os olhos-vermelhos lhe disseram que Kate não tinha sobrevivido, provocando grande pesar em seu coração.*

6. *E aconteceu que a criança foi dada a uma mulher aos olhos-vermelhos. E esta era Lila, esposa de Wolgast.*

7. *Pois a filha de Lila tinha morrido no Tempo Anterior; e embora muitos anos tivessem se passado, a ferida ainda era funda em sua mente. E ela se consolava com Kate, imaginando que fosse a filha que tinha perdido.*

8. *E aconteceu que certas pessoas da Pátria se levantaram contra os opressores; e esses eram os insurgentes. E Sara se juntou a eles. E foi mandada a Lila para servi-la na Cúpula, onde residiam os olhos-vermelhos, para aprender mais sobre eles. E desse modo descobriu que sua filha ainda vivia.*

9. E também, nesse mesmo tempo, Alicia e Peter descobriram o covil de Martínez, o Décimo dos Doze, no lugar chamado Carlsbad; e ali travaram batalha com seus Muitos. Mas não encontraram Martínez, que tinha fugido do lugar.

10. Pois Zero havia ordenado que Guilder, o Diretor, construísse uma fortaleza poderosa, onde os Doze deveriam residir, para se alimentar do sangue de animais e também dos habitantes da Pátria. Pois seus Muitos tinham devorado quase todas as coisas vivas sobre a terra, tornando-a um local devastado, que não servia para homens nem para virais, nem para qualquer tipo de animal.

11. E segundo esse desígnio, os Doze disseram a seus Muitos que deixassem seus locais de escuridão; e eles morreram. E isso ficou conhecido como o Descarte.

12. E os Doze começaram sua jornada rumo à Pátria, a uma distância de muitos quilômetros, para que pudessem presidir sobre a terra.

## **CAPÍTULO SETE**

1. Mas um deles não obedeceu às palavras de Zero; e esse era Carter, o Triste, Décimo Segundo dos Doze. E ele instruiu Wolgast a guiar Amy até o local onde residia, para que os dois se juntassem contra seus companheiros.

2. E Amy obedeceu a essa ordem e deixou o lugar chamado Kerrville, indo para o lugar chamado Houston. E em sua companhia estava Lucius, o Fiel, que era seu auxiliar e um homem justo aos olhos de DEUS.

3. E em Houston Amy encontrou o navio, que era o Chevron Mariner; e em seu interior residia Carter. E muitas coisas se passaram entre eles. E quando Amy emergiu, seu corpo não era mais de criança, e sim de mulher; e na companhia de Lucius ela partiu rumo à Pátria, para travar batalha contra os Doze.

4. E também nesse tempo, Peter, o Homem dos Dias; e Michael, chamado de Michael, o Inteligente; e Hollis, marido de Sara, também viajaram até a Pátria, para saber o que havia lá. Pois tinham passado a acreditar que Sara estava cativa naquele lugar, e também muitos outros.

5. E com eles estavam dois companheiros. E a primeira desses era Lore, a Piloto. E o segundo era um criminoso chamado de Tifty, o Gângster.

6. E nesse mesmo período Alicia também foi para o lugar chamado Iowa, perseguindo Martínez, o Décimo dos Doze, que ela havia jurado matar. Pois Martínez era o mais maligno desses demônios, assassino de muitas mulheres e um flagelo sobre a Terra.

7. Mas Alicia foi tornada cativa na Pátria e suportou muitas tribulações nas mãos dos olhos-vermelhos e de seus auxiliares, chamados de Colas. E o pior dos Colas era Sacana. Mas Alicia era forte e não se submeteu.

8. E quando Sacana foi à sua cela certa noite, para fazer suas maldades sinistras de novo, Alicia disse: “Afrouxe minhas correntes, para que possa ter seu prazer com mais facilidade.” E ela enrolou as correntes no pescoço de Sacana, matando-o. E então escapou, matando muitos outros.

9. E no ermo fora dos muros da Pátria, Amy apareceu a ela; e Alicia viu que agora era uma mulher em corpo, tanto quanto em mente. E Amy a consolou, pois eram irmãs de sangue.

10. Mas Alicia tinha um segredo, que era a sede de sangue. Pois a semente dos Doze estava se fortalecendo dentro dela, transformando-a numa viral. E esse era um peso enorme em seu coração, pois ela amava profundamente seus companheiros e não queria se afastar deles.

11. E nesse mesmo tempo Sara foi descoberta pelos olhos-vermelhos; e foi aprisionada e sofreu muitas violações. Pois Guilder, o Diretor, desejava que todos que se levantassem contra ele conhecessem sua ira do modo mais completo.

12. Mas o momento do ajuste de contas estava chegando; pois Amy e Alicia tinham se juntado aos insurgentes, para pegar em armas contra os olhos-vermelhos. E entre eles foi elaborado um plano para libertar o povo da Pátria e destruir os Doze, e além disso resgatar Sara.

## **CAPÍTULO OITO**

1. E aconteceu que Peter e seus companheiros chegaram ao lugar chamado Iowa, de modo que todos estavam presentes, compondo uma força poderosa. E a maior entre todos era Amy.

2. Pois ela havia se rendido aos olhos-vermelhos, dizendo: “Sou a líder dos Insurgentes; façam comigo o que desejarem.” Pois era seu propósito que Guilder, em sua fúria, soltasse os Doze para matá-la.

3. E tudo aconteceu como Amy havia previsto; e a hora de sua execução foi estabelecida. Ela ocorreria no Estádio, um grande anfiteatro do Tempo Anterior, de modo que o povo da Pátria pudesse ver.

4. E Alicia e os outros se esconderam naquele lugar, de modo que, quando os Doze fossem revelados, pudessem usar as armas contra eles e também contra os olhos-vermelhos.



5. E Amy foi trazida diante da multidão e acorrentada; e foi pendurada numa armação de metal. E Guilder teve enorme deleite com seu sofrimento, exortando a turba a fazer o mesmo.

6. Mas Amy não lhe daria essa satisfação. E Guilder ordenou que os Doze a devorassem, de modo que todos os presentes conhecessem seu poder, curvando-se diante dele.

7. Mas Amy viu que não estava sozinha; pois dentre os Doze estava Wolgast, que tinha ocupado o lugar de Carter, de modo a protegê-la. E Amy disse aos Doze:

8. “Irmãos, olá! Sou eu, Amy, sua irmã.” E nenhuma outra palavra foi dita por ela.

9. Pois começou a tremer, e seu corpo se tornou uma luz brilhante despedaçando a escuridão; com um rugido furioso Amy se tornou um deles, assumindo a forma de um viral, poderoso de se ver. E esse foi o Abandono. E um que viu foi Peter, e outra foi Alicia, e um terceiro, Lucius, e todos os outros também.

10. E as correntes foram partidas, e seguiu-se uma grande batalha; e uma grande vitória aconteceu. E muitas vidas se perderam. E uma dessas foi a de Wolgast, que se sacrificou para salvar Amy; pois seu amor por ela era como o de um pai por um filho.

11. E desse modo os Doze se extinguíram da face da Terra, libertando todo o seu povo.

12. Mas sobre o destino de Amy seus amigos nada souberam; pois ela não foi encontrada em lugar nenhum.



PARTE I

---

A FILHA

98-101 D.V.

*Existe outro mundo, mas é este aqui.*

– PAUL ÉLUARD

---

# UM

REGIÃO CENTRAL DA PENNSILVÂNIA

*Oito meses depois da libertação da Pátria*

*Agosto de 98 D.V.*

O chão cedia com facilidade sob a faca, liberando um cheiro negro de terra. O ar estava quente e úmido; pássaros cantavam nas árvores. De joelhos, apoiando as mãos no chão, ela golpeava o solo, soltando-o. Um punhado de cada vez, e jogava de lado. Parte da fraqueza havia sumido, mas não toda. Seu corpo parecia frouxo, desorganizado, exaurido. Havia a dor e a lembrança da dor. Três dias tinham se passado, ou seriam quatro? O suor formava gotas em seu rosto; ela lambeu os lábios e sentiu gosto de sal. Cavava e cavava. O suor escorria, caindo na terra. É para onde tudo vai, no fim das contas, pensou Alicia. Para a terra.

O monte ao seu lado crescia. Que profundidade seria suficiente? A um metro o solo começou a mudar. Ficou mais frio, com odor de argila. Parecia um sinal. Jogou o corpo para trás, sentando-se sobre as botas, e tomou um longo gole do cantil. Suas mãos estavam em carne viva; a pele na base do polegar tinha se soltado quase inteira. Levou o dedo à boca e usou os dentes para cortar o pedaço de pele, que cuspiu na terra.

Soldado a esperava nos limites da clareira, a mandíbula trabalhando ruidosa num trecho de capim que ia até a cintura. A graça de suas ancas, a crina brilhosa, a magnificência dos cascos, dos dentes e dos grandes olhos negros: uma aura de esplendor o cercava. Quando queria, ele era dono de uma calma absoluta; depois, no instante seguinte, podia realizar feitos notáveis. Seu rosto sábio se levantou ao ouvi-la se aproximar. *Sei. Estamos prontos.* Ele se virou num arco lento, o pescoço abaixado, e a acompanhou na direção das árvores, até o lugar onde ela havia montado sua lona. No chão, junto ao saco de dormir ensanguentado, estava a trouxa menor, feita de um cobertor cheio de manchas. Sua filha tinha vivido menos de uma hora, mas naquela hora Alicia havia se tornado mãe.

Soldado observou enquanto ela saía de baixo da lona. O rosto do bebê estava coberto; Alicia puxou o pano para trás. Soldado baixou a cara para o rosto da criança, as narinas se abrindo, sentindo o cheiro. Nariz e olhos minúsculos, a boca um botão de rosa, espantosos em sua humanidade; a cabeça coberta por uma touca de cabelos ruivos e macios. Mas não existia vida, não existia res-

piração. Alicia tinha se perguntado se seria capaz de amá-la – aquela criança concebida em terror e dor, gerada por um monstro. Um homem que a havia espancado, estuprado, xingado depois de acabar. Como tinha sido idiota!

Voltou à clareira. O sol estava a pino; insetos zumbiam no capim, uma pulsação rítmica. Soldado ficou junto enquanto ela colocava a filha na sepultura. Quando o trabalho de parto havia começado, Alicia rezara. *Que ela esteja bem.* Enquanto as horas de agonia se dissolviam uma na outra, sentiu a presença fria da morte por dentro. A dor a golpeava, um vento de aço que ecoava nas células como um trovão. Algo estava errado. *Por favor, Deus, proteja-a, proteja-nos.* Mas suas orações tinham caído no vazio.

O primeiro punhado de terra foi o mais difícil. Como seria possível fazer isso? Alicia tinha enterrado muitos homens. Alguns ela conhecera, outros não; apenas um ela havia amado. O garoto, Cano Longo. Tão divertido, tão vivo, e se fora. Deixou a terra escorrer por entre os dedos. Os torrões bateram no pano com um som de tapinhas, como as primeiras gotas de chuva caindo sobre folhas. Pouco a pouco sua filha desapareceu. *Adeus,* pensou. *Adeus, minha querida, meu amor.*

Voltou à tenda. Sua alma estava despedaçada, como um milhão de cacos de vidro dentro do corpo. Os ossos eram canos de chumbo. Precisava de água, comida; o estoque havia acabado. Mas caçar estava fora de questão, e o riacho, uma caminhada de cinco minutos colina abaixo, parecia a quilômetros de distância. As necessidades do corpo: o que importam? Nada importava. Deitou-se no saco de dormir, fechou os olhos e logo adormeceu.

Sonhou com um rio. Um rio largo e escuro, sobre o qual brilhava a lua. Ele espalhava a luz sobre a água como uma estrada de ouro. Alicia não sabia o que estava adiante, só que precisava atravessar esse rio. Deu o primeiro passo, cautelosa, na superfície lúzida. Sua mente estava dividida: metade se maravilhava com a estrada improvável, metade, não. Quando a lua tocou a sombra oposta, ela percebeu que fora enganada. O caminho estava se dissolvendo. Em pânico, começou a correr, desesperada para chegar à outra margem antes que o rio a engolissem. Mas a distância era grande demais; a cada passo o horizonte saltava mais para longe. A água borbulhava ao redor dos tornozelos, dos joelhos, da cintura. Não tinha forças para lutar contra a correnteza. *Venha a mim, Alicia. Venha a mim, venha a mim, venha a mim.* Ela estava afundando, tomada pelo rio, mergulhando na escuridão...

Acordou com uma luz fraca, alaranjada; o dia estava quase acabando. Ela permaneceu imóvel, juntando os pensamentos. Tinha se acostumado com esses pesadelos; as peças mudavam, mas jamais a sensação – a inutilidade, o medo.

Mas desta vez havia algo diferente. Um aspecto do sonho tinha passado para a vida; sua camisa estava encharcada. Olhou para baixo e viu manchas se alargando. Seu leite havia chegado.

Ficar ali não tinha sido uma decisão consciente; a vontade de continuar simplesmente desaparecera. Então sua força retornou. Veio com passos pequenos e, depois, como uma visita há muito esperada, chegou de repente. Ela construiu um abrigo com galhos secos e trepadeiras, usando a lona como cobertura. A floresta era cheia de vida: esquilos e coelhos, perdizes e pombos, cervos. Alguns eram rápidos demais para ela, mas não todos. Alicia montava armadilhas e esperava para recolher a caça ou usava sua besta: um disparo, uma morte limpa, depois o jantar, cru e quente. No fim de cada dia, quando a luz se esvaía, tomava banho no riacho. A água era límpida e de um frio atroz. Foi numa dessas excursões que viu os ursos. Um farfalhar 10 metros rio acima, algo pesado movendo-se no mato baixo, e depois eles apareceram à beira do rio, mãe e dois filhotes. Alicia nunca vira esse tipo de criatura em carne e osso, apenas nos livros. Eles entraram juntos na água rasa, empurrando a lama com o focinho. Havia algo frouxo e malformado em sua anatomia, como se os músculos não estivessem presos com firmeza à pele sob os pelos pesados e emaranhados com gravetos. Uma nuvem de insetos cintilava ao redor deles, captando as últimas luzes. Mas os ursos não a notaram, ou, se notaram, não acharam que ela fosse importante.

O verão foi sumindo. Num dia, o bosque era um mundo de folhas verdes e volumosas, denso de sombras; em seguida, explodia em cores vibrantes. De manhã, o chão da floresta estalava com a geada. O frio do inverno baixara com um sentimento de pureza. A neve era pesada na terra. As linhas pretas das árvores, as pequenas pegadas dos pássaros, o céu caiado, descorado: tudo fora reduzido à essência. Que mês seria? Que dia? À medida que o tempo passava, a comida se tornava um problema. Durante horas, até mesmo dias inteiros, ela mal se movia, conservando as forças; não falava com ninguém havia quase um ano. Aos poucos percebeu que já não pensava com palavras; era como se tivesse se tornado uma criatura da floresta. Imaginou se estaria enlouquecendo. Começou a falar com Soldado, como se ele fosse uma pessoa. *Soldado, dizia, o que vamos jantar? Soldado, você acha que é hora de catar lenha para o fogo? Soldado, parece que vai nevar?*

Uma noite acordou no abrigo e percebeu que estivera escutando trovões durante algum tempo. Um vento úmido de primavera chegava em sopros sem

direção, lançando-se contra o topo das árvores. Sem se afetar pelo que ouvia, Alicia escutou a aproximação da tempestade; e subitamente ela estava ali. Um clarão de raio se bifurcou no céu, congelando a cena em seus olhos, seguido por um estrondo capaz de rachar os ouvidos. Ela deixou Soldado entrar enquanto o céu se rasgava, lançando gotas de chuva pesadas como balas de revólver. O cavalo tremia de terror. Alicia precisou acalmá-lo; bastaria um movimento em pânico no espaço minúsculo e o corpo enorme despedaçaria o abrigo. *Meu bom garoto*, murmurou, acariciando o flanco do animal. Com a mão livre, passou a corda em volta do pescoço de Soldado. *Meu bom garoto. O que acha? Quer fazer companhia a uma garota numa noite de chuva?* O corpo dele estava tenso de medo, uma parede de músculos contraídos, no entanto, quando ela lentamente o puxou para baixo, ele permitiu. Do lado de fora das paredes do abrigo os relâmpagos brilhavam no céu. Soldado se ajoelhou com um suspiro portentoso, virou-se de lado junto ao saco de dormir; e foi assim que ambos caíram no sono enquanto a chuva se derramava durante toda a noite, lavando o inverno.

Ela viveu dois anos naquele lugar. Ir embora não era fácil; a floresta havia se tornado um refúgio, um conforto. Alicia tinha assumido os ritmos dela como se fossem seus. Mas quando o terceiro verão começou, um novo sentimento surgiu: era hora de partir. De terminar o que havia começado.

Ela passou o resto do verão se preparando. Isso implicava fabricar uma arma. Partiu a pé para as cidades ribeirinhas e retornou três dias depois, carregando uma sacola cheia. Entendia o básico do que estava tentando fazer, tendo assistido ao processo muitas vezes; os detalhes viriam através de tentativa e erro. Uma pedra chata junto ao riacho serviria como bigorna. À beira d'água, atçou o fogo e o observou arder até virar carvão. O truque era manter a temperatura certa. Quando sentiu que tinha conseguido, tirou a primeira peça do saco: uma barra de aço 3/8 com 5 centímetros de largura e 1 metro de comprimento. Do saco tirou também uma marreta, uma pinça de ferro e um par de luvas de couro grossas. Pôs a ponta da barra de aço no fogo e viu a cor mudar enquanto o metal se aquecia. Então começou a trabalhar.

Precisou fazer mais três viagens rio abaixo, em busca de suprimentos, e o resultado foi grosseiro, mas no final ficou satisfeita. Usou cipós ásperos para enrolar no cabo, permitindo uma empunhadura firme no metal, que, do contrário, ficaria liso. O peso era agradável na mão. A ponta polida brilhava ao sol. Mas o primeiro corte seria o verdadeiro teste. Na última viagem rio abaixo tinha

encontrado uma plantação de melões do tamanho de cabeças humanas. Eles cresciam num terreno denso, entre emaranhados de trepadeiras com folhas em forma de mão. Escolheu um e carregou para casa, no saco. Então, equilibrou-o em cima de um tronco caído, mirou e baixou a espada num arco vertical. As metades partidas balançaram preguiçosamente, separando-se uma da outra, como se perplexas, e caíram no chão.

Nada restava para mantê-la naquele lugar. Na noite anterior à partida, Alicia visitou a sepultura da filha. Não queria fazer isso no último segundo; sua saída deveria ser limpa. Durante dois anos o lugar tinha ficado sem qualquer marco. Nada parecera digno. Mas deixá-la sem nenhum reconhecimento parecia errado. Com o resto do aço, fez uma cruz. Usou a marreta para fincá-la no chão e se ajoelhou na terra. A essa altura o corpinho teria se reduzido a nada. Talvez alguns ossos ou uma impressão de ossos. Sua filha havia passado para o solo, as árvores, as pedras, até o céu e os animais. Tinha ido para um lugar além do conhecimento. Sua voz estava no canto dos pássaros; os cabelos ruivos, nas folhas chamejantes do outono. Alicia pensou nessas coisas, uma das mãos tocando a terra macia. Mas não tinha mais orações por dentro. Uma vez partido, um coração permanecia partido para sempre.

– Desculpe – disse.

A manhã nasceu de modo pouco notável: sem vento, cinza, cheia de névoa. A espada, enfiada numa bainha de couro de cervo, estava às costas, em diagonal; as facas, enfiadas nas bandoleiras, foram fixadas num X diante do peito. Óculos escuros, com abas de couro nas têmporas, protegiam seus olhos. Prendeu a bolsa da sela e montou em Soldado. Durante dias ele havia andado de um lado para outro, inquieto, sentindo a partida iminente. *Vamos fazer o que acho que vamos fazer? Eu gosto um bocado daqui, sabe?* O plano de Alicia era cavalgar para o leste, ao longo do rio, seguir seu curso através das montanhas. Com sorte chegaria a Nova York antes que as primeiras folhas caíssem.

Fechou os olhos, esvaziando a mente. Só quando tivesse limpado esse espaço a voz emergiria. Vinha do mesmo lugar dos sonhos, como vento saindo de uma caverna, sussurrando em seu ouvido.

*Alicia, você não está sozinha. Conheço sua tristeza porque ela é minha. Estou esperando você, Lish. Venha a mim. Venha para casa.*

Bateu os calcanhares nos flancos de Soldado.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)